



XIX COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA

Universidade e Desenvolvimento Sustentável: desempenho acadêmico e os desafios da sociedade contemporânea

Florianópolis | Santa Catarina | Brasil
25, 26 e 27 de novembro de 2019
ISBN: 978-85-68618-07-3



OS DESAFIOS DA CARREIRA DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO COM PROFESSORES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

Bruna Coradini Nader Adam

Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

brunacoradini@gmail.com

Mauren Corrêa Dos Santos Benites

Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

mauren.correa@hotmail.com

Mikaela Daiane Prestes Floriano

Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

mikaelapfloriano@gmail.com

Sebastião Ailton Da Rosa Cerqueira Adão

Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

sebastiaocerqueira@unipampa.edu.br

RESUMO

As relações inerentes ao ambiente acadêmico se fazem essenciais para o enfrentamento das dificuldades e desafios vivenciados por docentes nas instituições de ensino, sendo que tais relacionamentos sofrem também impacto das mudanças sociais do ambiente, como, por exemplo, o uso das tecnologias em sala de aula. Com base nisso, este estudo teve por objetivo compreender os desafios enfrentados pelos professores da Universidade Federal do Pampa, Campus Santana do Livramento, no seu relacionamento com seus pares, discentes e equipe diretiva, bem como os efeitos das tecnologias móveis no ensino-aprendizagem. Para tanto, realizou-se um estudo qualitativo, descritivo, a partir de uma pesquisa narrativa, tendo como participantes seis docentes da Unipampa. A partir das informações coletadas, verificou-se que há desafios nas relações com os pares, que podem estar relacionados a aspectos pessoais e/ou profissionais. Na relação com os discentes, evidenciou-se como dificuldade a falta de interesse e as carências na formação básica dos alunos. E para a maioria dos entrevistados o apoio recebido da equipe diretiva exerce influência positiva no desempenho de suas atividades. Por fim, observou-se que o uso das novas tecnologias está afetando diretamente o ambiente acadêmico, inclusive no que se refere ao comportamento de alunos e professores.

Palavras chave: Relação Docente-Discente-Equipe Diretiva; Tecnologias Móveis; Unipampa.

1. INTRODUÇÃO

O mercado de trabalho passa por diversas modificações, que vão desde as inovações tecnológicas até a operacionalização das relações existentes no ambiente de trabalho. No meio acadêmico, tais alterações também se fazem presentes, a carreira acadêmica apresenta-se em constante mutação, determinada a partir de uma série de fatores estruturais, culturais, sociais e políticos. Sobre isso, Santos Filho e Dias (2016) apontam que a carreira docente vem passando por diversas transformações, decorrentes principalmente da reestruturação da universidade moderna vivenciada desde o século passado. Em razão da expansão do ensino superior e da introdução da pesquisa como uma das funções principais da universidade pública, o professor tem se tornado responsável por multitarefas, que demandam o aumento de suas capacidades adaptativas. Ainda na perspectiva dos autores, a ótica produtivista, responsável pela ascensão e estabilidade da carreira docente, os desafios da gestão de sala de aula, as demandas da população e os obstáculos resultantes das crises econômicas dos últimos anos, vêm dificultado o bom andamento do ambiente acadêmico, transformando-o na soma das excessivas funções atribuídas aos professores.

Frente a isso, docentes e demais membros da comunidade acadêmica necessitam encontrar maneiras de superar tais dificuldades, tornando o preparo de professores pautado em dilemas e perspectivas que vão além da formação pedagógica-didática para o domínio específico daqueles conteúdos que serão lecionados, conforme apontado por Saviani (2011). Nesta mesma perspectiva, Moreira (2005) adverte que as relações existentes em âmbito escolar podem ser consideradas como elos facilitadores para que tais adversidades sejam superadas, sendo determinadas como benéficas para o adequado desenvolvimento institucional.

Durante a carreira docente, mostra-se evidente o surgimento de múltiplas relações dentro do ambiente universitário, sendo que os professores se apresentam como essenciais para a construção de vínculos entre os diferentes membros da comunidade acadêmica, aspecto que se torna primordial para estudos concernentes a educação e a gestão universitária (RAUSCH; DUBIELLA, 2013). Ao se destacar a importância das relações estruturadas nesses locais, Roncaglio (2004) destaca a indispensável ligação entre alunos e professores, considerada como a de maior representatividade e caracterizada como cerne das instituições acadêmicas. Ainda segundo a autora, o relacionamento entre professores e alunos engloba diversos objetivos e especificidades que, apesar de sua pertinência para a constituição dos ambientes educacionais, tem sido pouco discutido, particularmente no contexto do ensino superior; corroboram com este posicionamento Quadros et al. (2010). Para Roncaglio (2004), a relação professor-aluno é caracterizada pela assimetria e pela troca de influências, estabelecendo vínculos de dependência entre os atores.

A autora ainda esclarece que, para que este relacionamento possa se consolidar e instituir o pleno andamento das atividades escolares, torna-se necessária a preocupação com outros tipos de relações existentes dentro da universidade. Por consequência, o debate acerca do relacionamento professor-professor e professor-equipe diretiva sugere importância tão igual à verificada entre docentes e alunos, de modo que impactem positivamente na construção do conhecimento e que venham instituir benefícios para todos os envolvidos. De forma similar, Rausch e Dubiella (2013) destacam que a formação completa e a satisfação do professor estão intimamente associadas às condições de trabalho e a interação destes com a gestão educacional e com os seus colegas de trabalho.

No entanto, apesar da relevância deste tema, Rausch e Dubiella (2013) enfatizam que as dificuldades destas relações se mostram pouco esclarecidas, uma vez que a educação apresenta carência de diversas discussões que possam dar suporte às suas várias abordagens. Por consequência, parece necessário o debate sobre os desafios relativos à carreira docente e, ao se considerar as relações interpessoais como potenciais suportes para a satisfação das

demandas universitárias, mostram-se essenciais investigações acerca dos desafios inerentes aos relacionamentos mencionados.

Cardoso Sobrinho, Bittencourt e Desidério (2016) defendem que as habilidades atribuídas aos docentes, na presente pesquisa também discutidas como reflexo das relações profissionais e interpessoais dos ambientes acadêmicos, sofrem influências das novas gerações de alunos que passam por mudanças comportamentais consequentes de seus ambientes, alterando também o relacionamento entre discentes e seus professores. Assim, Carvalho et al. (2019), argumentam que uma das principais dificuldades enfrentadas pelos docentes pode ser decorrente da popularização da tecnologia móvel, que penetra, de forma intensa, no cotidiano social de alunos e professores, demandando a adaptação por parte dos docentes a este novo perfil de aluno.

Com base no exposto, entende-se que as relações inerentes ao ambiente acadêmico se fazem essenciais para o enfrentamento das dificuldades e desafios vivenciados por docentes nas instituições de ensino, sendo que tais relacionamentos sofrem também impacto das mudanças sociais do ambiente. Ao considerar que o advento da tecnologia tem alterado de diversas formas a vida das pessoas, surge a inquietação acerca de como o uso destas ferramentas pode integrar-se com as relações interpessoais dos professores e como juntas podem configurar os desafios contemporâneos da carreira docente. Desta forma, este estudo busca responder a seguinte questão: **Quais são os desafios enfrentados pelos professores da Universidade Federal do Pampa, Campus Santana do Livramento, no seu relacionamento com seus pares, discentes e equipe diretiva, bem como os efeitos das tecnologias móveis no ensino-aprendizagem?**

A partir da pergunta acima estabelecida, elaborou-se o objetivo deste estudo: compreender os desafios enfrentados pelos professores da Universidade Federal do Pampa, Campus Santana do Livramento, no seu relacionamento com seus pares, discentes e equipe diretiva, bem como os efeitos das tecnologias móveis no ensino-aprendizagem. Estudar os desafios vivenciados na carreira docente permite entender quais os fatores que dificultam e quais contribuem para a formação de professores amplamente qualificados, bem como permite verificar o impacto das mudanças ambientais sobre estes profissionais.

A escolha dos docentes da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) como população-alvo da pesquisa é consequente do pouco tempo em que esta instituição se encontra em atividade. Em virtude de ser considerada uma universidade nova, que ainda trabalha para estabelecer suas práticas de gestão e de formação contínua de pessoal, parece pertinente a investigação dos fenômenos aqui estudados, uma vez que não existem pesquisas ou métricas que busquem averiguar quanto às dificuldades vivenciadas pelo corpo docente durante suas atividades diárias. Logo, considera-se que o desenvolvimento deste estudo poderá contribuir para que a universidade possa definir e constituir práticas e métodos pedagógicos mais consistentes com a realidade educacional vivenciada por seus docentes, o que, consequentemente, possibilitará a construção de um ambiente propício para a aprendizagem.

Além desta introdução, o artigo estrutura-se em referencial teórico; seção metodológica; apresentação dos resultados; e finalmente, as conclusões da pesquisa.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Desafios relativos ao relacionamento do professor com discentes, seus pares e equipe diretiva

Para Rowe, Bastos e Pinho (2013), estudar a categoria ocupacional de professor de ensino superior é bastante relevante devido às diversas características que possui, seja pela variação das condições de trabalho, pela categoria de profissionais ser considerada ampla, pela fonte de tensão e realização, dentre outras. O trabalho dos professores está diretamente

relacionado ao conhecimento, tanto na sua produção quanto na sua disseminação, sendo que para que isso ocorra é necessário que ele se relacione com as ciências, as novas tecnologias, instituições de pesquisa, a sociedade, além dos alunos, pares e gestores das instituições aos quais estão ligados.

De acordo com Moreira (2005), o desenvolvimento profissional do professor é composto não apenas pelos conhecimentos que ele tem para ensinar, mas também por suas atitudes e pelas relações interpessoais na escola, tanto as que ocorrem no ambiente interno da sala de aula, quanto as que ocorrem no ambiente externo. Corroborando, Marchesi (2008) afirma que é nas relações interpessoais do professor com alunos e colegas que se baseia o trabalho no ensino, fazendo com que a motivação e a realização do professor com a sua profissão, possa influenciar de maneira positiva nas percepções dos alunos.

No que diz respeito à relação professor-aluno no ensino superior, Hagenauer e Volet (2014) afirmam que essa tem sido pouco estudada, na contramão de investigações em contexto escolar. De acordo com os autores, isso pode ocorrer em virtude da peculiaridade do ensino superior, onde a relação professor-aluno passa a ser delineada pelo vínculo entre adultos, ao passo que na escola tal relação dá-se entre um adulto e uma criança ou adolescente. Além disso, na universidade há menos interações entre docente e alunado, o que torna o ambiente de ensino mais fragmentado ao demandar do aluno sua independência, utilizando-se da auto-organização e do estudo autônomo, por exemplo.

O relacionamento entre professores e alunos na educação superior é constituído a partir do cotidiano universitário, o que Roncaglio (2004) denomina como o “contrato didático” da formação superior. Para o autor, a relação professor-universitário está sujeita a normas que englobam desde objetivos estabelecidos e pactuados por professores e alunos, até convenções decorrentes da gestão universitária e de legislações vigentes. Por conseguinte, Oliveira et al. (2014) argumentam que a relação dos alunos com seus professores influencia na sua adaptação ao ensino superior, podendo o bom relacionamento facilitar esse processo.

Partindo de tal pressuposto, compreende-se que o entrosamento entre alunado e educadores torna a ambientação dos estudantes no ensino superior mais acessível, podendo ser visto como o alicerce das instituições acadêmicas, conforme apontado por Roncaglio (2004). Nesse sentido, Veldman et al. (2013) retratam em seu estudo que a relação professor-aluno é vista como essencial para o bom andamento das instituições de ensino, visto que quando o relacionamento entre esses atores não é positivo, os docentes podem vir a se considerar menos satisfeitos com o seu trabalho.

Em investigação realizada por Moreira (2005), identificou-se que o relacionamento com alunos pode propiciar tanto satisfação quanto insatisfação; a satisfação está relacionada à possibilidade de ver o aluno aprendendo e ao relacionamento existente entre professor e aluno, enquanto a insatisfação refere-se a falta de interesse de alguns alunos em querer aprender. Ademais, a indisciplina tende a tornar as aulas monótonas, dificultando o aprendizado dos discentes que não conseguem visualizar a aplicação prática dos conteúdos lecionados, assim, desmotivando e prejudicando o bom andamento das atividades docentes.

Por esse motivo, é importante que os professores busquem formas de tornar suas aulas mais atrativas, o que pode ocorrer pela troca de saberes experienciais entre o corpo de professores (TARDIF, 2012). Esse compartilhamento pode acontecer de diversas formas, como, por exemplo, pela troca de materiais didáticos, estratégias de organização de sala de aula, desenvolvimento de atividades multidisciplinares, etc. O relacionamento entre professores já havia sido abordado por Raposo e Maciel (2005), que relataram que a dificuldade de convívio entre docentes é uma realidade cultural do ambiente escolar, tendo como consequência resultados educacionais negativos ou abaixo do esperado.

Marchesi (2008) define que o trabalho em equipe e a colaboração entre os colegas, além de contribuir para a confiança e a reciprocidade de apoio no desempenho de tarefas,

favorece a manutenção do ânimo dos professores. O autor também afirma que a emoção, o compromisso, a atitude ética e a vida afetiva estão relacionados dentro da carreira docente, por esse motivo é importante que os professores mantenham amigos e colegas para dividir suas ideias e juntos inovarem, mas que ao mesmo tempo haja um adequado distanciamento desses, com fins de preservar seu bem-estar profissional e emocional.

Ainda sobre a relação professor-professor, o estudo de Moreira (2005) constatou que a desunião entre professores e a falta de coleguismo é bastante significativa, fato este que contribui para a falta de entusiasmo para lecionar, levando, inclusive à reflexão sobre o abandono da carreira. Por outro lado, Raposo e Maciel (2005) identificaram que a relação entre coordenação e professores e entre os próprios professores é bastante importante para a organização do trabalho pedagógico, pois ao mesmo tempo em que o professor é ajudado pelos colegas na elaboração de suas atividades, ele contribui com o trabalho dos demais.

Tendo em vista que a escola é formada pelos alunos, professores e por uma equipe diretiva, é importante considerar, também, o relacionamento dessa equipe com os professores como um desafio da carreira docente. Sobre isso, Rausch e Dubiella (2013) inferem que a satisfação dos professores está ligada às suas condições de trabalho, pois à medida que a administração educacional apoia projetos de inovação e oferece formação aos docentes, o grau de satisfação dessas pessoas tende a aumentar. Ainda na visão dos autores, os gestores educacionais devem estar cientes de que os sentimentos de valorização, apoio e compreensão, sentidos pelos professores, impactam em seu desenvolvimento profissional e na qualidade do ensino; por esse motivo, as administrações devem destinar os meios e os recursos necessários para que os docentes desenvolvam suas atividades.

Com base no exposto, compreende-se que a constituição de uma boa estrutura institucional acadêmica está baseada nas múltiplas relações existentes dentro das universidades. Dessa forma, considera-se que os relacionamentos interpessoais são capazes de determinar o bom andamento das atividades docentes, ou, se mal administrados, podem corresponder aos principais desafios da carreira docente, evento investigado por este artigo. Somando-se a isso, acredita-se que uma das principais mudanças vivenciadas pelos professores na atualidade é o uso e a presença das tecnologias móveis no ambiente de sala de aula. Sendo assim, tais ferramentas podem estar determinando alterações nos comportamentos e nos relacionamentos existentes entre os atores do contexto educacional (CARVALHO et al., 2019). Portanto, o tópico seguinte apresenta os efeitos das TIs no ambiente de sala de aula.

2.2. Desafios relativos aos efeitos das tecnologias móveis no ensino-aprendizagem

Uma realidade muito presente nos dias atuais é a crescente adesão ao uso de aparelhos celulares, especialmente *smartphones*. Segundo notícia publicada por Valente (2019), o Brasil é um dos países em que mais se verificou o uso diário de celulares (mais de três horas por dia em 2018), ocupando a quinta posição mundial, conforme dados do relatório “Estado de Serviços Móveis” elaborado pela empresa App Anie. A popularização dessas tecnologias constitui significativas alterações para a vida humana, até mesmo desencadeando transtornos e síndromes baseadas no uso excessivo dos dispositivos móveis (BORGES; PIGNATARO, 2016).

Assim como em outros aspectos da vida cotidiana, o uso das tecnologias móveis tem impactado diretamente no ambiente de sala de aula, desenvolvendo novos hábitos na educação e tornando necessária a reestruturação dos processos de aprendizagem (RANGEL; MIRANDA, 2016). Os autores apontam que as instituições de ensino carecem de se adaptar às novas demandas decorrentes da tecnologia, de maneira a proporcionar melhores formações para os profissionais docentes que terão de administrar tais dispositivos em suas salas de aula. Entretanto, apesar da inserção dessas tecnologias em ambiente educacional, mostra-se

pertinente o entendimento de como estas irão impactar nas atividades de ensino e influenciar os comportamentos dos atores envolvidos nesses processos.

Segundo Mateus e Brito (2011) e Pulliam (2017), as reclamações quanto ao uso de *smartphones* em sala de aula estão cada vez mais comuns, uma vez que os alunos conectados à internet por meio destes dispositivos podem se dispersar durante a aula e, até mesmo, prejudicar o professor e os seus colegas. Grande parte dos professores entrevistados na pesquisa de Mateus e Brito (2011, p. 9521) afirma não enxergar “qualquer finalidade pedagógica nesses aparelhos e ressaltam a dificuldade em dar aulas, e explicar o conteúdo, com alunos utilizando tais equipamentos”. Considerando as distrações dos alunos em sala de aula, Bawden e Robinson (2009) já alertavam a respeito do excesso de estímulo mental decorrente do uso das tecnologias móveis, que refletem no déficit de atenção, distração e impaciência dos indivíduos em suas atividades.

Somando-se a isso, Sparrow, Liu e Wegner (2011) e Dashevsky (2013) destacam como um problema frequente do uso das tecnologias móveis em ambientes de ensino, o desenvolvimento do que determinam como “efeito *Google*”, no qual os alunos acabam por reter menos informações em sala de aula ao possuírem a percepção de que as respostas para diferentes fenômenos e atividades podem ser alcançadas por meio do acesso à internet, fornecendo às tecnológicas móveis um status de sucessor do meio acadêmico tradicional.

Outrossim, O’Bannon e Thomas (2015) indicam que as interrupções causadas pelos celulares são a principal barreira à utilização destes equipamentos em sala de aula, ainda sendo verificado como empecilho para seu uso o fato de os alunos utilizarem seus celulares como meio de “fraudar” eventuais exercícios ou provas realizadas em aula. Em sentido semelhante, a pesquisa de Synnott (2013) apontou que a maioria dos professores participantes do estudo feito em uma universidade americana, no Estado de *New England*, não acredita que o aprendizado tenha melhorado com o uso de *smartphones* pelos alunos durante as aulas. Esta percepção também foi encontrada com relação aos docentes de uma universidade brasileira, do curso de administração, os quais relataram, conforme Cardoso Sobrinho, Bittencourt e Desidério (2016, p. 1517), “que há dispersão dos alunos em sala de aula pela utilização de recursos eletrônicos como *notebooks*, *smartphones*, *tablets* e demais equipamentos”.

Além dos problemas relacionados à dispersão dos alunos e as interrupções das aulas, causando distração aos professores, ainda se pode referir ao desafio dos docentes com relação a esta nova geração de alunos e à intimidação que os docentes podem sentir considerando o amplo acesso a informações possibilitado pelos recursos tecnológicos disponíveis, de forma que o professor se torna mais cauteloso nas informações disponibilizadas aos seus alunos (CARDOSO SOBRINHO; BITTENCOURT; DESIDÉRIO, 2016). Com isso, os autores evidenciam que os docentes em geral identificam as mudanças que estão ocorrendo com o tempo e com as novas gerações de alunos, o que os impulsiona a estar em constante adaptação, buscando recursos e mecanismos didáticos mais atualizados para a condução das aulas, buscando sempre que os alunos direcionem sua atenção ao conteúdo proposto e às informações que precisam ser assimiladas.

Apresentada a revisão da literatura, a seguir, é exposta a metodologia.

3. METODOLOGIA

Buscando compreender quais os desafios enfrentados pelos docentes no seu relacionamento com alunos, professores e equipe diretiva, bem como os efeitos das tecnologias móveis no ensino-aprendizagem, realizou-se uma pesquisa descritiva e qualitativa (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013). A escolha dessa abordagem diz respeito ao tipo de informação a ser coletada, concernente a entrevistas estruturadas com docentes da Unipampa.

Visando obter a percepção dos professores universitários quanto aos desafios contemporâneos da carreira, optou-se por empregar a pesquisa narrativa como método (YIN, 2016).

Nesta pesquisa, a unidade de análise escolhida foi a Unipampa, Campus Santana do Livramento, fundada em 2008 e que tem como objetivo promover o desenvolvimento da região do Pampa Gaúcho. Como população do estudo, foram intencionalmente selecionados professores que compõem o quadro da universidade há, no mínimo, quatro anos. Tal critério foi estabelecido tendo como finalidade a escolha de casos que melhor satisfizessem as necessidades da pesquisa. As percepções dos docentes universitários, bem como a vivência destes com seus ambientes de trabalho, caracterizaram os motes narrativos para as entrevistas.

Desta forma, o período de coleta dos dados foi o mês de junho de 2019, no qual foram realizadas 06 entrevistas, sendo estas divididas entre os professores dos cinco cursos de graduação ministrados no Campus Santana do Livramento, isto é, a pesquisa foi realizada com, pelo menos, um professor de cada curso da instituição. Ao fim da coleta, as interlocuções contabilizaram 187 minutos e que foram integralmente transcritas. Para a operacionalização das entrevistas foi elaborado um roteiro semiestruturado com base nas referências abordadas na revisão da literatura. Assim, o roteiro foi composto por oito questões, divididas em duas perguntas para cada relacionamento profissional analisado e duas questões referentes ao uso de tecnologias móveis em sala de aula. Para análise dos dados coletados, utilizou-se a técnica interpretativa, aplicando-se os procedimentos de investigação de dados qualitativos estipulados por Sampieri, Collado e Lucio (2013).

Buscando atender ao objetivo deste estudo e considerando as discussões acerca das temáticas aqui debatidas, foi elaborado o Quadro 01, que tem como finalidade apresentar os principais aspectos considerados como desafios da carreira docente contemporânea e que foram determinados como categorias de análise das informações coletadas por meio das entrevistas com os professores universitários.

Quadro 01 – Categorias de Análise

Categoria de análise: Desafios nos relacionamentos profissionais		
Metacategoria	Descrição	Autores norteadores
Colegas de trabalho	Desafios da relação professor-professor: i) Desunião e falta de coleguismo; ii) Individualismo; iii) Dificuldade de desenvolvimento de trabalhos coletivo; iv) Falta de comunicação; v) Falta de apoio para a realização de atividades pedagógicas.	Moreira (2005); Raposo e Maciel (2005); Marchesi (2008).
Alunos	Desafios da relação professor-aluno: i) Desvalorização dos professores; ii) Falta de comprometimento dos alunos; iii) Desmotivação do alunado; iv) Indisciplina; v) Desinteresse em sala de aula.	Moreira (2005); Tardif (2012); Oliveira et al. (2014).
Equipe Diretiva	Desafios da relação professor-equipe diretiva i) Falta de ações que contribuam para a formação e qualificação profissional; ii) Gestões pouco democráticas e participativas; iii) Falta de apoio institucional; iv) Desvalorização dos professores.	Raposo e Maciel (2005); Rausch e Dubiella (2013); Cardoso Sobrinho, Bittencourt e Desidério (2016).
Categoria de análise: Desafios das tecnologias móveis em sala de aula		
Efeitos da TI móvel	Efeitos negativos do uso das TI em sala de aula: i) Dispersão dos alunos e déficit de atenção durante a exposição de conteúdos em sala de aula; ii) Distração e impaciência dos alunos em sala de aula; iii) Intimidação dos docentes; iv) Efeito <i>Google</i> .	Mateus e Brito (2011), Sparrow, Liu e Wegner (2011); Batista e Barcelos (2013); Dashevsky (2013); Cardoso Sobrinho, Bittencourt e Desidério (2016).

Fonte: Elaborado pelos autores com base na literatura (2019).

A apreciação das respostas foi feita a partir da análise particular de cada uma das entrevistas, sendo realizadas comparações entre elas quando necessário. Desta forma, os fenômenos aqui estudados poderão ser melhor compreendidos e aprofundados. Ainda,

destaca-se que, para a discussão dos resultados, os entrevistados são representados pelas denominações E1, E2, E3, E4, E5 e E6, de modo que suas identidades sejam preservadas. Uma vez demonstrados a metodologia, passa-se à apresentação dos dados coletados.

4. RESULTADOS

4.1. Perfil dos professores universitários

O perfil dos professores é composto por cinco indivíduos do sexo masculino e um do sexo feminino, com idades que variam entre o intervalo de 33 a 64 anos. Em relação à titulação, todos os entrevistados são doutores, diferenciando-se quanto as áreas do conhecimento e cursos em que são formados. No tocante ao tempo em que atuam na instituição de ensino, esse varia entre 5 a 11 anos. Dos seis professores entrevistados, três exercem algum cargo de gestão na universidade. Concernente ao curso em que atuam, os sujeitos da pesquisa representam os cinco cursos de graduação ministrados na universidade. No próximo tópico, realiza-se a análise dos dados oriundos das entrevistas realizadas com docentes da Unipampa.

4.2. Desafios nos relacionamentos profissionais

4.2.1. Desafios relativos ao relacionamento do professor com seus pares

Inicialmente, faz-se a análise dos resultados referentes aos desafios da relação dos professores com seus colegas de trabalho, segundo os entendimentos de Moreira (2005), Raposo e Maciel (2005) e Marchesi (2008). A partir desses aspectos, faz-se a avaliação das informações coletadas nas entrevistas com os professores universitários da Unipampa.

Os entrevistados, quando perguntados sobre quais os desafios que eles encontram na relação com seus pares, divergiram nas respostas. O entrevistado E2 percebe que o grande problema de relacionamento entre os pares é devido, entre outras coisas, a questões de ego e, a falta de trabalhos em conjunto. Para o entrevistado E6, o relacionamento entre pares dentro da universidade envolve dois aspectos que ele chamou de “relacionamento de ordem pessoal” e “relacionamento de ordem acadêmica”; para ele, as questões pessoais envolvem “interações, formas de atuação em conjunto, desentendimentos e questões vinculadas a poder na universidade”, já as questões de ordem acadêmica referem-se a “dificuldade de trabalhar em conjunto e de cooperação”. O entrevistado E6, em sua fala, foi taxativo ao afirmar que para ter um bom relacionamento pessoal e acadêmico “[...] a gente faz um esforço enorme, perde um tempão da nossa vida para se relacionar bem com os colegas”.

A relação com os pares foi considerada tranquila e amistosa pelos entrevistados E3 e E4. O entrevistado E3 apenas comentou que, devido a sua área do conhecimento ser bastante diferente dos demais, ele sente dificuldade na hora de realizar pesquisas, por ele ser mais abrangente que os colegas que possuem áreas específicas, como administração ou marketing. Enquanto que o entrevistado E4, apesar de ter um colega da sua mesma área, não consegue realizar muitas trocas com ele devido ao mesmo não ficar muito na cidade, além da divergência de opiniões entre ambos sobre a temática da área que trabalham. Sendo assim, a visão dos entrevistados contraria a proposta de Marchesi (2008), que acredita na importância de que os professores tenham colegas e amigos, com os quais possam dividir suas ideias e, conjuntamente, inovarem. E, que o trabalho em equipe e a colaboração são capazes de contribuir para a confiança e o apoio mútuo no desempenho das atividades.

Também sobre o relacionamento com os pares, os entrevistados foram questionados se eles acreditam que a relação com os pares influencia no seu trabalho. Novamente, houve

divergência nas respostas. Para os entrevistados E1, E2 e E5, o relacionamento influencia de forma positiva, pois a troca de ideias e o contato mais próximo entre os professores, devido ao tamanho do campus, é um facilitador do trabalho docente. O entrevistado E2 destacou que gosta “[...] de conversar bastante com os [...] colegas [...], de saber como eles lidam com as aulas, com a preparação de material, formato da aula. Eu gosto, principalmente, de conversar com os colegas mais experientes”. Ele prosseguiu dizendo que vê e busca esse relacionamento com os colegas “[...] tanto para melhorar minha prática docente quanto pra também outras áreas”, como área de pesquisa e extensão. Essa visão vai ao encontro de Tardif (2012), que compreende que as trocas de saberes e experiências entre os docentes é importante para o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula.

Na percepção do entrevistado E3, existem dois tipos de influência, uma positiva e outra negativa. A positiva é porque “ninguém interfere”, já a parte negativa é relacionada à dificuldade de “[...] tu sentar para conversar com alguém e querer discutir, é muito um nicho fechado. [...] se tu tentas falar vão dizer “ah, é que eu sou mais ligado pra tal área”, não existe uma abertura muito grande entre eles pra fazer um trabalho diferente”. O entrevistado segue, dizendo que o desafio é conseguir um grupo mais dinâmico para produzir. Em sentido semelhante, o entrevistado E4 pontua que, se possuísse um melhor relacionamento com o colega da sua mesma área de atuação, eles poderiam desenvolver mais projetos em conjunto, por exemplo. Mas que, na sua visão, a maioria dos professores tem um bom relacionamento, o que possibilita a realização de projetos interdisciplinares. Já o entrevistado E6 destacou a importância para o desempenho docente, principalmente em pesquisa, de que haja “[...] o bom relacionamento entre docentes, porque a pesquisa é um ato conjunto, de cooperação, profundidade de esforços em conjunto [...]”, por isso ele considera que a relação com os pares impacta diretamente no trabalho docente.

Diante do exposto, percebe-se que, para os entrevistados, há diversos desafios na relação com os pares, os quais tanto podem ser de cunho pessoal, quanto profissional, podendo estar mais relacionados à personalidade de cada um ou aos seus anseios, e que esse relacionamento influencia no trabalho docente. Essa influência pode ser tanto positiva, pela troca de experiência e cooperação, quanto negativa, pela desunião e falta de coleguismo. Essa influência negativa já foi apontada pelo estudo de Moreira (2005), e ela pode levar, inclusive, a falta de disposição para o trabalho e possíveis reflexões sobre o abandono da carreira docente. No tópico seguinte, analisa-se o relacionamento dos professores com o seu alunado.

4.2.2. Desafios relativos ao relacionamento do professor com seus alunos

Esse tópico tem por finalidade a análise dos desafios da relação professor-aluno percebida pelos docentes da Unipampa Campus Santana do Livramento, de acordo com as concepções de autores como Moreira (2005), Tardif (2012) e Oliveira et al. (2014). Com base nesses fatores, realiza-se a análise das informações coletadas.

O ambiente de sala de aula pode ser considerado como o *lócus* do processo de ensino, onde ocorrem as interações entre professor-aluno e onde se constitui parte do processo de aprendizagem (CARDOSO SOBRINHO; BITTENCOURT; DESIDÉRIO, 2016). De acordo com os professores, na instituição é cultivado o bom relacionamento entre os alunos e seus docentes, pautado no respeito e em relações amistosas que facilitam a convivência entre os indivíduos, é o que afirmam os entrevistados E1, E4, E5 e E6. O contato evidenciado pelos professores com seus alunos mostra-se parte do que Hagenauer e Volet (2014) caracterizam como a construção multidimensional necessária na relação com os discentes. Ademais, o bom relacionamento entre professor-aluno poderá facilitar a adaptação do discente ao ensino superior (OLIVEIRA et al., 2014), sendo uma conduta perceptível dentro na universidade estudada.

Entretanto, apesar deste bom relacionamento, os docentes dizem ser evidente a falta de interesse dos alunos com as atividades acadêmicas, fator que vem prejudicando o bom desempenho dos discentes e ocasionando em barreiras no cumprimento da profissão docente. Sobre isso, Vieira-Santos e Henklain (2017) explicitam que quando o alunado ignora o fato de possuir atividades acadêmicas a serem desenvolvidas, esses acabam prejudicando e gerando mais trabalho para o professor, que se vê obrigado a realizar ações capazes de diminuir a efetividade do processo de ensino-aprendizagem. O desinteresse pode ainda desencadear conflitos com os docentes, tornando necessária a reavaliação da postura dos discentes.

Os entrevistados acreditam que esse comportamento pode ser decorrente de aspectos culturais da cidade e da nova geração de discentes que ingressam na universidade, bem como da ausência de uma maior quantidade de cursos de graduação no campus universitário, que reflete no descontentamento de parte dos alunos sobre os conteúdos vistos em aula. A Unipampa caracteriza-se pela sua estrutura multicampi, onde os *campi* universitários representam diferentes áreas do conhecimento, sendo o campus onde se realizou a investigação referente aos cursos de Ciências Sociais Aplicadas.

Sobre isso, os entrevistados E3 e E5 consideram que o desinteresse dos alunos pode ser reflexo da falta de conhecimento dos residentes do município acerca da universidade e dos cursos lá ofertados. Para os docentes, a instituição apresenta falhas no que diz respeito ao relacionamento com a comunidade externa, o que pode desencadear uma série de comportamentos que acabam por influenciar no baixo rendimento dos alunos matriculados. Ao não compreender o papel da universidade e a importância das aulas para o processo de formação profissional, os alunos adotam posturas como o distanciamento, dando origem ao que os entrevistados E4 e E5 denominam como “cumprimento de tabela”, em que os alunos não direcionam o valor necessário para suas atividades acadêmicas.

Outro fator destacado pelos docentes no que tange às dificuldades encontradas na relação com os discentes, concerne à desmotivação e às deficiências de formação dos alunos com os conteúdos do ensino médio. De acordo com o professor E2, eles chegam à universidade com deficiências de formação, fazendo com que os docentes tenham de direcionar atenção especial a ganhos de ensino que deveriam acompanhá-los antes do processo de formação profissional no ensino superior, fato corroborado pelo entrevistado E3. Além disso, para o professor E6, as lacunas de aprendizado não se referem apenas à conteúdos teóricos, mas também de conhecimentos críticos e reflexivos que impactam diretamente no processo de ensino-aprendizagem.

Ainda concernente à relação professor-aluno, o entrevistado E4 elucida sobre a falta de respeito de alguns alunos no início de sua carreira como docente na instituição, marcada pela indisciplina, problemas como a conversa, entre outros. Do mesmo modo, a falta de engajamento e o desentendimento do universitário sobre a sua postura na universidade parece estar diretamente relacionada ao processo de ensino, o que, segundo o docente E3 tem demonstrado a falta de comprometimento dos alunos com as disciplinas e atividades propostas pelos professores. Ainda segundo o entrevistado “os alunos não parecem querer a formação que a universidade está disposta a dar”, explanando isso em referência aos mesmos realizarem suas atividades escolares para garantir unicamente as médias de notas exigidas para obtenção de aprovação.

Por fim, no que tange à relação com o alunado, os professores universitários ainda discorrem sobre formas de encarar e amenizar potenciais chances de conflitos em virtude dos aspectos elencados. Para o entrevistado E2, os docentes precisam compreender que o contato com o corpo discente envolve relações humanas, e, assim como qualquer outro tipo de relacionamento, está sujeito a todos os tipos de afetos e divergências do cotidiano. Para o educador, os desafios de sala de aula servem como mecanismo de melhoria para a

constituição do real professor, que deve estar sempre atento às necessidades individuais e coletivas de seus alunos, posicionamento que vai ao encontro de Saviani (2011).

Ademais, o entrevistado analisa que as dificuldades encontradas não podem ser contabilizadas somente pela postura dos discentes, sendo necessário pontuar falhas de formação de professores oriundos de cursos de bacharelado que, segundo ele, são treinados para serem pesquisadores, sem uma formação pedagógica, o que torna mais dificultoso o conhecimento de práticas para enfrentar adversidades de sala de aula. Sousa e Magalhães (2011) esclarecem que as políticas públicas relacionadas à educação superior devem rever alguns aspectos da formação de professores universitários, que, atualmente, são direcionadas a formação mais teórica e técnica. Na percepção dos autores, a construção de habilidades sociais é imprescindível para a constituição de profissionais docentes altamente qualificados.

Ademais, os docentes E1 e E4 sinalizam que a empatia, o “se colocar no lugar do aluno”, irá propiciar o aperfeiçoamento de metodologias e práticas que facilitem o convívio e melhorem a qualidade do ambiente acadêmico. Essa posição encontra amparo também na fala do professor E6, que busca na melhoria das relações com seus alunos uma ferramenta de aproximação e companheirismo, visando a melhoria da atmosfera universitária.

Fundamentado nas percepções dos docentes, evidencia-se que há diferentes desafios nas relações com os discentes, que variam da falta de interesse e desmotivação dos mesmos até problemas oriundos de carências na formação escolar desses indivíduos. Tais fatores têm propiciado impacto direto e significativo no processo de ensino-aprendizagem, demandando que o corpo docente encontre maneiras de amenizar tais dificuldades. Destaca-se ainda que, apesar da existência de aspectos negativos, tanto alunos como professores buscam cultivar relações amistosas e baseadas no respeito. A seguir, apresenta-se a percepção dos entrevistados no que se refere à relação com a equipe diretiva da instituição.

4.2.3. Desafios relativos ao relacionamento do professor com a equipe diretiva

A relação entre professores e equipe diretiva faz parte dos relacionamentos existentes dentro da universidade, por esse motivo, os entrevistados foram perguntados sobre os desafios que eles encontram na sua relação com essa equipe. Foi explicado aos entrevistados que a expressão equipe diretiva compreende as coordenações de cursos, coordenação acadêmica e direção, em nível local de campus, e as Pró-Reitorias, na Reitoria. Com relação à equipe diretiva do campus, todos posicionaram-se da mesma forma, considerando a relação tranquila.

Fatos positivos foram destacados pelos entrevistados E4 “a direção é tranquila e aberta... só tive experiência positiva com a direção. Eu acho que é bem importante ter este bom relacionamento com a direção para o trabalho acontecer de verdade [...]”, E2 “[...] a gente não tem uma relação hierárquica, não é muito forte, a gente tem um coordenador de curso, tem um coordenador acadêmico né, tem uma direção de campus e tal, mas não existe uma coisa verticalizada do tipo coordenador acadêmico fala e tu obrigatoriamente faz”, e E3 “eu acho que como eles são professores iguais né?! Não se tem um diferencial entre coordenadores e o resto dos professores, então, acho que é muito tranquilo de conversar com a coordenação do curso, não tem diferencial [...]”. O entendimento dos entrevistados sobre esse aspecto vai ao encontro de Raposo e Maciel (2005), que percebem a relação entre docentes e coordenação como algo bastante significativo para a organização do trabalho pedagógico, ao passo que, quando essa relação é positiva, há uma ajuda e contribuição mútua entre todos.

Para o entrevistado E2, o bom relacionamento encontrado no campus Santana do Livramento, da Unipampa, deve-se ao fato da Universidade ser nova e formada, na sua maioria, por professores também novos, ao contrário de outras instituições, onde há professores que estão há bastante tempo, então existe uma hierarquia não oficial, levando em consideração aspectos mais tácitos, como a questão da antiguidade. O mesmo entrevistado,

em virtude de estar no cargo de coordenador de curso, enxerga os processos dentro da instituição como desafios, devido à ausência de uma codificação, pois “[...] muitas coisas são mais tácitas né, mas não codificadas, então a gente precisa correr atrás, daí normalmente a gente vai perguntar para os ex-coordenadores como é que faz tal coisa [...]”.

Quanto à relação dos docentes com as Pró-Reitorias, ela foi abordada apenas pelos entrevistados E2 e E3. Ambos falaram sobre o fato das coisas serem “jogadas de cima para baixo” pela Reitoria, passando muitas decisões, que deveriam ser tomadas por ela, para as gestões de campus, como pode ser identificado na fala do entrevistado E2 “muitas coisas têm sido jogadas, hã..., o pró-reitor joga... vem de cima pra baixo, e no final das contas a coordenação tem que lidar com alguns problemas que deveriam ser resolvidos num... em níveis superiores”. O entrevistado E3 pontuou que:

“[...] se formos analisar a PROGRAD [Pró-Reitoria de Graduação], que é quem nos deve dar um suporte mais acadêmico, ela é extremamente desestruturada no ponto de nos dar suporte. Muitas vezes ela acaba devolvendo para coordenação do curso e devolvendo para comissão do curso um problema que eles deveriam responder”.

Os entrevistados também foram questionados se a relação deles com a equipe diretiva influencia no seu trabalho. O entrevistado E1 elucida que, devido a ter sempre o apoio e a compreensão da equipe diretiva, ele sente-se à vontade e tranquilo para trabalhar. No mesmo sentido, o entrevistado E2 argumenta que “[...] não diria que ela influencia no sentido é... eu acho que eles não dificultam o meu trabalho. [...] eu acho que a equipe diretiva ela... ela dá bastante respaldo às coordenações de curso.” O entrevistado E4 pontuou que “a equipe apoiando o trabalho e os projetos interinstitucionais, o trabalho flui. Quando existe uma equipe diretiva que trava as ideias e os projetos, complica, mas não é o nosso caso”. E o entrevistado E6 afirma que “a principal forma que a equipe diretiva impacta no trabalho docente é dando autonomia e permitindo que o professor desenvolva as disciplinas e a aula como ele entender melhor”. A percepção desses entrevistados corrobora com Rausch e Dubiella (2013), pois eles entendem que a satisfação dos docentes tende a melhorar à medida que eles têm melhores condições de trabalho.

Já o entrevistado E5 tem uma visão diferente dos demais quanto à influência da equipe diretiva no seu trabalho, para ele, não que não influencie, mas que o “[...] impacto é tão pouco”. Ainda, o entrevistado pondera que “[...] na minha sala de aula, eu trabalho com os meus alunos, a aula é de nós todos, não precisamos de interferência de algo externo, como a direção”. Ele prossegue dizendo que precisa “[...] muito pouco da universidade no sentido da equipe diretiva interferindo nas minhas aulas, pesquisas e trabalhos. Então vamos colocar assim, nunca precisei. Então, não acho que interfere tanto”. Esse posicionamento pode ser reflexo de uma fraca relação entre o docente e a equipe diretiva, ao ponto dele acreditar que o trabalho da equipe não influencia na sua aula. Para Rausch e Dubiella (2013), os gestores das instituições devem ter ciência de que a forma como o docente sente-se em relação à gestão, reflete no seu desenvolvimento e na qualidade de ensino, por esse motivo, é importante que haja uma via de mão dupla, onde a gestão apoie o docente e ele esteja aberto a receber esse apoio.

Com base no que foi dito pelos entrevistados, compreende-se que eles consideram ter uma boa relação com a equipe diretiva do campus, mas quando esse relacionamento dá-se com a Reitoria, há certas limitações, como o fato das Pró-Reitorias transferirem a responsabilidade por certas ações, que seriam delas, para os campus. Com relação à influência da equipe diretiva nas atividades docentes, para maior parte dos entrevistados, há um apoio por parte da direção para o desempenho das atividades. Na sequência, aborda-se a percepção dos docentes quanto aos efeitos das TI móveis em sala de aula.

4.3. Desafios relativos aos efeitos das tecnologias móveis no ensino-aprendizagem

Com base na literatura exposta, é perceptível que o avanço tecnológico e os novos comportamentos decorrentes deste, estão diretamente interligados com os relacionamentos existentes nos ambientes educacionais. Isso porque, além do contato direto com a principal geração usuária dessas plataformas, que tende a demandar esforços adaptativos de professores e alunos, o uso desses equipamentos requer a preparação dos professores a partir de ações e práticas oferecidas pelas gestões universitárias. Da mesma forma, a troca de conhecimento entre o corpo docente parece essencial para que as alterações das práticas de ensino-aprendizagem sejam melhor compreendidas e aplicadas nas instituições de ensino.

Com relação ao uso de *smartphones* em sala de aula, os entrevistados foram unânimes ao afirmar que é comum encontrar alunos utilizando *smartphones* durante as aulas, não obstante os entrevistados possuem opiniões divergentes com relação à possibilidade de os aparelhos atrapalharem o bom andamento das disciplinas. Três dos seis entrevistados (E3, E4 e E5) afirmaram que o uso de *smartphones* pelos alunos em sala de aula atrapalham o bom andamento das matérias, identificando mais desafios do que possibilidades de aprendizado. Por outro lado, dois entrevistados (E1 e E6) afirmaram que o uso de tais aparelhos não prejudica as disciplinas ao passo que o entrevistado E2 referiu que somente há prejuízo ao bom andamento da aula quando o uso do *smartphone* é excessivo.

Para o entrevistado E4, existem diversos desafios relacionados ao uso de *smartphones* pelos alunos em sala de aula, tendo percebido dispersão dos alunos durante a exposição dos conteúdos, conforme referido por Mateus e Brito (2011) e Pulliam (2017). Segundo o entrevistado E4, “quando eu percebo que a pessoa não está prestando atenção na aula [em razão do celular], eu chamo a pessoa para ver se ela presta atenção [...] Mas é realmente um desafio bem grande e com certeza prejudica o desempenho...” e prossegue afirmando que “às vezes parece que a gente tá falando para as paredes... a pessoa focada no celular não presta a atenção no que está sendo falado na aula”.

No mesmo sentido, o entrevistado E3 referiu que não vê os alunos utilizando os *smartphones* para algo positivo e que possa contribuir com a aula, ou pesquisando sobre alguma matéria que esteja sendo discutida. Pelo contrário, o entrevistado relatou que os alunos estão normalmente utilizando o *WhatsApp* ou redes sociais. Para o entrevistado E5, “o uso constante [do *smartphone*] e a falta de tato dos alunos de saber quando usar ou não, atrapalha no rendimento deles” e “até atrapalha na atenção do professor”. Também foram relatadas pelo entrevistado E3 situações de distração dos alunos e desvio do foco dos conteúdos abordados em sala de aula em razão da utilização de *smartphones*, no mesmo sentido já assinalado por Batista e Barcelos (2013). Segundo o entrevistado, os alunos “entram numa abstração total na aula por causa do celular. Eles perdem o foco muito rápido, no lugar de pensar como fazer o cálculo que foi proposto, ele fica pensando na foto que acabou de ver, onde será que está aquela pessoa?”.

Por outro lado, o entrevistado E1 relatou ter percebido que os alunos utilizam os *smartphones* durante as aulas, muitas vezes, para consultar a matéria no *Google*, o que pode estar relacionado ao “Efeito *Google*” relatado por Sparrow, Liu e Wegner (2011) e Dashevsky (2013) mas também pode ser um aspecto que cause intimidação ao professor, considerando o amplo acesso a informações, conforme ressaltado por Cardoso Sobrinho, Bittencourt e Desidério (2016). Inclusive, neste sentido, foi relatado pelos entrevistados E2 e E3, que os alunos têm utilizado os celulares para tirar fotos das matérias escritas no quadro durante as aulas, bem como para gravar as aulas em áudio e, até mesmo, em vídeo. Os entrevistados E3, E4 e E5 relataram esforços e tentativas de utilização dos *smartphones* como ferramentas de ensino-aprendizagem e percebem que não seria viável uma proibição total do uso dos aparelhos. Não obstante, o entrevistado E5 aponta que “a universidade, como um todo, não

possui capacitações que façam a gente entender como trabalhar da melhor forma com as ferramentas tecnológicas”. Ainda no sentido de identificar desafios relacionados ao uso das tecnologias em sala de aula, o entrevistado E6 destacou que “a principal tarefa do professor é pensar estratégias que o aluno se sinta mais atraído pela sala de aula a ponto de ele não pegar o telefone... ou se ele pegar, que seja rapidinho para mandar uma mensagem ou resolver uma coisa pontual”.

Ou seja, percebe-se que a introdução e a consolidação das novas tecnologias afetam diretamente o mundo acadêmico e impõem uma adaptação tanto de professores quanto de alunos. A expansão do uso de *smartphones* pela população em geral acabou provocando novas situações em sala de aula que se traduzem em desafios para o corpo docente e demandam a introdução de novos hábitos e percepções por docentes e alunos e providências pelas universidades.

5. CONCLUSÃO

O objetivo do presente trabalho foi compreender os desafios enfrentados pelos professores da Universidade Federal do Pampa, Campus Santana do Livramento, no seu relacionamento com seus pares, discentes e equipe diretiva, bem como os efeitos das tecnologias móveis no ensino-aprendizagem. Pretendeu-se estudar os desafios vivenciados pelos docentes da Universidade buscando verificar o impacto das mudanças ambientais e novas tecnologias sobre estes profissionais.

Para atingir o objetivo traçado, foram realizadas entrevistas com seis docentes da Universidade Federal do Pampa, Campus Santana do Livramento, os quais trabalham na instituição de ensino investigada entre 5 a 11 anos e representam os cinco cursos de graduação ministrados na universidade. Por meio de tais entrevistas, foi possível identificar a percepção dos professores com relação aos desafios enfrentados na relação com alunos bem como na relação com a equipe diretiva e demais professores, compreendendo ainda, os desafios relativos aos efeitos das tecnologias móveis em sala de aula.

Com este estudo, observou-se que há diversos desafios nas relações dos professores e seus pares, que podem estar relacionados a aspectos pessoais e/ou profissionais, englobando questões como os objetivos profissionais de cada um ou a sua personalidade. Sendo que esse relacionamento exerce influência sobre o trabalho docente. Desta forma, no que se refere ao relacionamento entre docentes, esses deveriam empenhar-se em desenvolver mais atividades em conjunto com vistas a melhoria dos seus trabalhos, ocasionando um melhor ambiente de trabalho que poderá impactar positivamente no processo de ensino-aprendizagem.

No que tange às percepções dos docentes sobre os desafios encontrados no relacionamento com os discentes, verificou-se como principais dificuldades a falta de interesse, a desmotivação e as carências na formação básica dos alunos, o que acaba demandando dos educadores o desenvolvimento de práticas que possam amenizar tais adversidades. Outrossim, os entrevistados destacam a falta de entendimento do alunado acerca de seu papel enquanto corpo social da universidade.

Quanto à relação dos docentes com a equipe diretiva, em nível de campus, identificou-se que essas relações são boas, tranquilas, destacando-se o apoio recebido da direção como uma influência positiva no desempenho das atividades. Já o relacionamento com as Pró-Reitorias não foi considerado satisfatório, devido as mesmas delegarem certas responsabilidades para os *campi* que não os compete. Sendo assim, acredita-se que as Pró-reitorias deveriam oferecer maior suporte para os *campi* poderem desempenhar suas atividades de forma efetiva.

Com relação ao uso de *smartphones*, constatou-se que é comum os professores encontrarem alunos utilizando tais equipamentos durante as aulas. Não obstante, nem todos os professores têm a percepção que o uso dos *smartphones* pode atrapalhar o andamento da

disciplina e o processo ensino-aprendizagem. Por outro lado, verificou-se que parte dos entrevistados já estimulou os alunos com relação à utilização das tecnologias móveis como ferramentas de ensino-aprendizagem durante as aulas. Em última análise, ficou evidente que o alcance e a consolidação das novas tecnologias estão afetando diretamente o ambiente acadêmico, inclusive no que se refere ao comportamento de alunos e professores, traduzindo-se em desafios para o corpo docente e para as universidades.

Diante disso, esse estudo considera importante que a gestão da universidade realize um acompanhamento dos desafios enfrentados pelos docentes no desempenho de suas atividades, tendo em vista que tais desafios podem estar impactando na qualidade de vida dos servidores e do ensino. Assim, podem ser propostas atividades que busquem estimular a interação entre os colegas, a realização de trabalhos coletivos e a qualificação profissional, os quais propiciarão práticas pedagógicas para o enfrentamento dos desafios encontrados em sala de aula, tais como a falta de comprometimento e desmotivação dos alunos, a indisciplina e o uso das tecnologias móveis.

Como uma limitação da presente pesquisa, faz-se referência ao número de professores entrevistados. A partir de outras observações, seria possível uma compreensão mais ampla sobre a temática e os desafios enfrentados pelos professores do Campus. Por fim, como próximo passo de estudo, sugere-se nova pesquisa com maior número de entrevistados, podendo-se, inclusive, expandir o escopo para outras unidades da Universidade Federal do Pampa, de forma a se verificar, de forma mais abrangente, os desafios da carreira docente, possibilitando até a comparação entre as unidades pesquisadas, bem como a inclusão de outras categorias de servidores nesses relacionamentos.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, S.C.; BARCELOS, G.T. Análise do uso do celular no contexto educacional. **Renote**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 1-10, 2013.
- BAWDEN, D.; ROBINSON, L.. The dark side of information: overload, anxiety and other paradoxes and pathologies. **Journal of information science**, v. 35, n. 2, p. 180-191, 2009.
- BORGES, L. de A. P.; PIGNATARO, T.. Nomofobia: uma síndrome no séc. XXI. **Interface**, Natal, v.13 n. 1, 2016.
- CARDOSO SOBRINHO, C. A.; BITTENCOURT, I. M.; DESIDÉRIO, P. H. M. Ensino em administração: o olhar de docentes frente ao conflito de gerações. **Revista Eletrônica Gestão e Serviços**, v. 7, n. 1, p. 1508-1534, 2016.
- CARVALHO, J. S. et al.. Efeitos do uso da TI móvel em sala de aula. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 13, n. 1, jan-mar, 169-184, 2019.
- DASHEVSKY, E. **Oito novas doenças provocadas pelo uso da internet. Você tem alguma?** IDGNOW, 2013. Disponível em: <<http://idgnow.com.br/internet/2013/10/16/oito-novas-doencas-mentais-que-atingem-vocepor-causa-da-internet/>> . Acesso em: 20 mai. 2019.
- HAGENAUER, G.; VOLET, S. E. Teacher–student relationship at university: an important yet under-researched field. **Oxford Review of Education**, v. 40, n. 3, p. 370-388, 2014.
- MARCHESI, A. **O bem-estar dos professores**. Artmed Editora, 2008.
- MATEUS, M. C.; BRITO, G. S. “Celulares, smartphones e tablets na sala de aula: complicações ou contribuições? ”In: X Congresso Nacional de Educação -EDUCERE, PUCPR. **Anais eletrônicos...** 2011. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5943_3667.pdf>. Acesso em 19 de maio de 2019.
- MOREIRA, H.. A motivação e o comprometimento do professor na perspectiva do trabalhador docente. **Série-Estudos – Periódico do Mestrado em Educação da UCDB**, n. 19, p. 209-232. 2005.
- O'BANNON, B. W.; THOMAS, K. M. Mobile phones in the classroom: Preservice teachers answer the call. **Computers & Education**, v. 85, p. 110-122, 2015.

OLIVEIRA, C. T. de et al. Percepções de estudantes universitários sobre a relação professor-aluno. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 18, n. 2, p. 239-246, 2014.

PULLIAM, D.. Effect of Student Classroom Cell Phone Usage on Teachers. **Masters Theses & Specialist Projects**. Paper 1915, 2017.

QUADROS, A. L. et al. A percepção de professores e estudantes sobre a sala de aula de ensino superior: expectativas e construção de relações no curso de química da UFMG. **Ciência & Educação**, v. 16, n. 1, 2010.

RANGEL, J. R.; MIRANDA, G. J.. Desempenho Acadêmico e o Uso de Redes Sociais. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 11, n. 2, 2016.

RAPOSO, M.; MACIEL, D. A.. As interações professor-professor na co-construção dos projetos pedagógicos na escola. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 21, n. 3, p. 309-317, 2005.

RAUSCH, R. B.; DUBIELLA, E.. Fatores que promoveram mal ou bem-estar ao longo da profissão docente na opinião de professores em fase final de carreira. **Revista Diálogo Educacional**, v. 13, n. 40, p. 1041-1061, 2013.

RONCAGLIO, S. M.. A relação professor-aluno na educação superior: a influência da gestão educacional. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 24, n. 2, p. 100-111, 2004.

ROWE, D. E. O.; BASTOS, A. V. B.; PINHO, A. P. M. Múltiplos comprometimentos com o trabalho e suas influências no desempenho: um estudo entre professores do ensino superior no Brasil. **Organizações & Sociedade**, v. 20, n. 66, p. 501-52, 2013.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia de pesquisa**. Penso Editora: Porto Alegre, 2013.

SANTOS FILHO, J. C.; DIAS, C. L.. Profissão acadêmica e scholarship da docência: Novo olhar sobre as múltiplas funções do professor universitário. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior, v. 21, n. 3, 2016.

SAVIANI, D.. Formação de professores no Brasil: dilemas e perspectivas. **Póiesis Pedagógica**, v. 9, n. 1, p. 07-19, 2011.

SOUSA, A. S. Q.; MAGALHÃES, M. R. M. S. Políticas públicas para o professor universitário: perspectivas e desafios no curso de direito, na região amazônica. In.: 25º Simpósio Brasileiro de Política e Administração da Educação. São Paulo: SP. 2011. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.anpae.org.br/simpósio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompletos/comunicacoesRelatos/0056.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2019.

SPARROW, B.; LIU, J.; WEGNER, D. M. Google effects on memory: Cognitive consequences of having information at our fingertips. **Science**, v. 333, n. 6043, p. 776-778, 2011.

SYNNOTT, K.. Smartphones in the Classroom: University Faculty Members' Experiences. **Journal of Higher Education Management**, v. 28, n. 1, p. 119-130, 2013.

TARDIF, M.. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

VALENTE, J.. Brasil é 5º país em ranking de uso diário de celulares no mundo. Agência Brasil EBC, 2019. Disponível em <http://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2019-01/brasil-foi-5o-pais-em-ranking-de-uso-diario-de-celulares-no-mundo>. Acesso em: 20 mai. 2019.

VELDMAN, I. et al. Job satisfaction and teacher–student relationships across the teaching career: four case studies. **Teaching and Teacher Education**, v. 32, p. 55-65, 2013.

VIEIRA-SANTOS, J.; HENKLAIN, M. H. O.. Contingências sociais que dificultam o engajamento do professor universitário em relações de qualidade com seus alunos. **Perspectivas em análise do comportamento**, v. 8, n. 2, p. 200-214, 2017.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Penso Editora: Porto Alegre, 2016.